

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

UM SÁBIO SEM PRESSA

Moisés Mendes

Boletim Gaúcho de Geografia, 27: 14-17, dez., 2001.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38420/24691>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 2001.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

"UM SÁBIO SEM PRESSA"*

*"O renomado geógrafo
Milton Santos critica a
globalização e comenta seu
estranhamento diante da Internet".*

MOISÉS MENDES

O geógrafo Milton Santos assumiu uma missão. Aos 74 anos, repete em palestras, aulas na Universidade de São Paulo (USP) e artigos de jornal que há espaço para uma nova utopia. O professor enxerga o que poderia vir a ser uma globalização menos perversa e menos concentradora. Fala disso em seu novo livro, *Por uma outra Globalização - Do Pensamento Único à Consciência Universal* (174 páginas, Record, R\$ 20), em que vê o fenômeno muito além de sua faceta econômica. Balano de Salvador, professor emérito da USP, Santos ensinou nas grandes universidades do mundo. Em 1994, recebeu o prêmio Valtrin Lud, o Nobel da Geografia. Nessa entrevista, diz por que é um otimista, apesar de sua desconfiada relação pessoal com a Internet.

ZH - Como a globalização pode ser menos perversa?

Santos - Na véspera da Tomada da Bastilha, o que Luis XVI descreveu em seu diário? Nada. Ele não tinha idéia do que estava acontecendo. Os grandes movimentos de fundo da história freqüentemente escapam aos atores hegemônicos. Fomos treinados para pensar o mundo a partir de certos parâmetros, que são os quantitativamente dominantes. Os qualitativamente dominantes têm dificuldade para se mostrar, sobretudo agora, com a ciência tão empolgada com o número, com a coisa da técnica, com a universidade tão empobrecida, tão quieta, tranqüila, pouco usada para a interpretação da História. Os pobres, os países de baixo, saíram da moda. Nos anos 50, 60, eram objeto de teorizações. Hoje, tudo é comércio, rentabilidade, produtividade. Criou-se um estado de espírito que não

*ZH Volume: 037 Edição: 12.777 Sábado 12/08/2000 Página 08 Caderno de cultura, Editoria Segundo Caderno Assunto: Indústria, Perfil, Opinião, Frase, Declaração, Política, Tecnologia.

é favorável à observação do futuro ali onde ele está nascendo. No Brasil, há movimentos de fundo extremamente importantes, que escapam aos nossos instrumentos de análise. Daí a dúvida da possibilidade de mudança. Dentro dessa dúvida, nós vivemos. Uma observação mais detalhada verá que esse movimento existe aqui e em toda parte, na América Latina, na Ásia.

ZH - Quem é Luís XVI hoje?

Santos - São todos os governantes, os homens do FMI, do Banco Mundial, dos organismos internacionais, de certas igrejas. Eles não vêm, ou quando vêm, enxergam como coisas separadas. Agora, por exemplo, todos os candidatos, de direita e esquerda, falam da violência. Mas a violência será algo isolado? Ou será preciso vê-la no mundo, no Brasil que estamos construindo?

ZH - O sr. diz que os pobres não se entregam. O que isso significa?

Santos - Eles não podem se entregar mesmo, têm que estar alertas e todo dia renovar o estoque de elementos para recomeçar a luta. Essa é a riqueza do cotidiano. O nosso, das classes médias para cima, é um cotidiano empobrecido, muito repetitivo. Os pobres têm sensibilidade maior para as mudanças. Todos os dias têm que descobrir estratégias para continuar vivendo.

ZH - Como enxergar as manifestações que não são tão percebidas?

Santos - O que está faltando é pôr tudo junto. Agora, temos a guerra fiscal, que é a manifestação da desordem do Estado. Ela é apenas um sintoma tomado isoladamente. E toda uma estrutura que tem que ser mudada, que não se resume às questões fiscais. É preciso retomar cada um desses brotes e recolocá-los num sistema, num conjunto, para vê-los funcionando juntos.

ZH - Saindo do setor público, o que temos?

Santos - O MST (Movimento dos Sem-Terra) é um movimento formidável. Ele descobriu que tem que forjar instrumentos de luta que sejam próprios do nosso tempo em cada lugar. O que Luís os XVI desejam é que eles usem os instrumentos de lutas tradicionais. O MST também mostra outras formas de solidariedade. Há solidariedade entre os pobres, que não é muito mencionada. A mídia fala mais da violência, uma preocupação também da universidade. Procure as dissertações ou teses sobre a solidariedade. Não há quase nada. Há alusões, como as da Igreja Católica, mas a análise da solidariedade é pequena. Não precisa ser a solidariedade institucionalizada, basta que seja existencial, com a história se fazendo viva. São exemplos as creches de senhoras que cuidam dos filhos das outras que vão trabalhar, a ajuda na doença, a presença quando o outro precisa. São tantas as formas de solidariedade nos meios populares, mas não as vemos.

ZH - O sr. está ligado a algum partido?

Santos - Não posso. Não teria liberdade para pensar. Ficaria subordinado a estratégias, táticas, palavras de ordem. Você só pode ter um casamento duradouro com a verdade se estiver inteiramente livre de enquadramentos. Não quer dizer que não goste de partidos. Eles são indispensáveis, os da direita e os da esquerda. Eu prefiro os da esquerda.

ZH - Quais são os partidos de esquerda hoje?

Santos - Digamos que são o PT, o PCdoB, o PDT. O que mais? Esses seriam os da esquerda, uns mais, outros menos. A direita é o PSDB, o PFL.

ZH - O sr. usa a Internet?

Santos - Não sei se precisa. Você pode pensar o mundo com e sem a Internet. Eu não datilografei a maior parte de meus livros. Escrevo à mão ou dito o texto. O importante é pensar a técnica, não ser um operário da técnica. Meu trabalho não é manual. Fui treinado para ser um trabalhador intelectual. Minha obra nos últimos 20 anos é sobre o pensamento e a técnica. Sem isso você não entende nada, nem pode propor o futuro.

ZH - Como a Internet entra nessa análise?

Santos - Entra como todas as técnicas entraram na História. A técnica pode se tornar posse de alguns ou de todos.

ZH - A rede não contribui para que a globalização seja menos seletiva?

Santos - Acho que sim. Houve um salto qualitativo com as técnicas da informação em geral, não só com a Internet. As técnicas das máquinas, que deram, em consequência, no imperialismo, eram técnicas maciças. A pura presença dessas técnicas já era sinal de concentração e centralização. As técnicas atuais são, por definição, democratizáveis, porque se adaptam a qualquer meio, à cultura e ao nível econômico. É a grande promessa da Internet.

ZH - O que é chegar sem pressa à Internet?

Santos - Não vou poder chegar sem pressa porque o mundo se apressou (risos). Os movimentos de fundo são mais fortes, mais brutais e menos visíveis, por causa da maneira como usamos hoje a informação. A mistificação que se faz da técnica esconde o real valor dela. Essa é também a grande ameaça da Internet, que se transforme em instrumento dos hegemônicos. A diferença é que há 30, 50 anos, eu e você não teríamos acesso a uma grande máquina. Hoje, temos acesso à Internet. É uma grande esperança, um avanço. Mas temos que ficar alertas e mostrar também os perigos.

ZH - Não é relevante o simples fato de que a rede cria novas formas de relacionamento?

Santos - Até certo ponto. O importante mesmo são as pessoas juntas na convivência do cotidiano. A Internet não cria cotidianos, é apenas um instrumento material. O cotidiano com força política só se dá nos lugares, nos territórios. Mas é certo que a Internet cria condições para um entendimento maior.

ZH - O sr. tem Internet em casa?

Santos - Não, só na faculdade, e minha equipe é que cuida disso. O que eu faço é pensar. Quem trabalha comigo não pode ter pressa. Meu trabalho de pensar não é algo que se resolva na pressa. A universidade atual, apressada, não atinge seus objetivos. O pensamento deve ter seu próprio ritmo, que não é o ritmo da produção material. A Internet, como toda técnica, é um instrumento, não é o conteúdo. O conteúdo é a existência de cada um, é a vida. Não podemos confundir a máquina com a produção de idéias. Produzir idéias exige calma.